

Documentação

SOCIOAMBIENTAL

Fonte: Amazonas em Tempo

Data: 15/4/2001 Pg. E1

Class: Waimiri Atroari

A RESSURREIÇÃO



Aldisio Filgueiras

Milagre? Não: luta, com unhas e dentes. A população indígena brasileira, nos últimos cinco anos, cresceu em um ritmo de 3,5% ao ano, muito mais do que a média de 1,6% estimada para a população em geral do País. É o que informa o Instituto Socioambiental (ISA), em livro lançado no início deste mês (*Povos Indígenas do Brasil 1996-2000*).

Menos mal para uma minoria que já foi maioria e que não tem dinheiro para produzir filmes coloridos sobre o holocausto que se abateu sobre ela desde o início do século XVI, e continua até. De tão ameaçado de extinção, o índio ganhou uma data nacional: o 19 de abril. Não se esqueça: é o dia daqueles que eram índios. E teimam em sê-lo.

No Amazonas, essa luta pela sobrevivência tem números também heróicos, na resistência Waimiri-Atroari: em 1987 (parece que foi ontem) eles eram 374. Em dezembro de 2000, já se contavam 872, os dessa etnia. Ou seja: um índice de crescimento de 5,53, considerado um dos maiores do mundo. Tem mais sobre esse quadro otimista no endereço eletrônico http://www.waimiriatroari.org.br/info_waimiri.htm.

Foi essa ressurreição que o fotógrafo Carlos Dias, professor da Universidade Federal do Amazonas flagrou, em várias incursões a esse território índio tão próximo e tão distante das nossas neuroses urbanas. A exposição de Dias, *Faces e Cotidiano dos Waimiri-Atroari*, reúne 50 fotos, no formato 30-45, coloridas e processadas manualmente pelo fototécnico Navarro, e integra a programação Semana dos Povos Indígenas, que começa hoje e termina dia 22, no Parque Municipal Mindu, com o patrocínio do Governo do Estado e

Prefeitura de Manaus e outras entidades em manter os índios como uma humanidade viva e não apenas referencial da nossa História.

Carlos Dias não fantasia e nem pretende, como disse ao *Em Tempo*, conferir ao registro fotográfico o caráter de documento de realidade. "Ele (o registro fotográfico) – pelas operações de enquadramento, focagem e recorte, entre outras –, adquire o caráter de ícone que, por plurissignificativo, ultrapassa pretendida linearidade de leitura do documento". Bom, este é o professor falando. Em linguagem de alto falante: em algum momento a foto surpreende uma realidade e a transforma em sua totalidade.

Numa exposição, é esse destaque, não raras vezes emoldurado, que atrai a atenção do outro e lhe sugere um novo olhar sobre uma realidade nunca antes suspeitada, sequer imaginada, no conforto do eu-mesmo. "É o que pretendo, expondo essas fotografias do povo Waimiri-Atroari: instigar a reflexão por parte de todos os que tiverem a oportunidade ou o interesse de olhar para esse documentos e aprender algo novo com eles", diz Carlos Dias.

Ao recusar-se ser o "atraso do progresso", ideologia que sustenta todo crime contra a humanidade, o índio (qualquer que seja a sua etnia) – como o judeu, o negro, a mulher e a criança – é apenas a imagem do que tememos ser. Aproveite a lição que Carlos Dias trouxe da selva (do mato, como aprendemos a dizer com nossos avós), e se olhe (nos olhemos) no espelho. Não dói.